

GAMBOA

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Bahia Hoje	
Data	27/03/94	
Caderno	Class Bahia	
Seção		
Assunto	Bairro	

DÉBORA PAES

Jornal	Bahia Hoje	
Data	27/03/94	
Caderno	Class Bahia	
Seção		
Assunto	Bairro (gambôa)	

Cidade da Bahia

SALVADOR • 27/3/94

Bahia
HOJE

RECANTO DA GAMBOA

EMÍLIA MAGALHÃES ♦ REPÓRTER

Atrás do Campo Grande, com seu ritmo frenético, a fumaça do escapamento de veículos e um certo aspecto de sujeira, pulsa lentamente um bairro. Um corredor escondido entre a pompa do Palácio da Aclamação e o horizonte intraduzível da Baía de Todos os Santos. Chama-se Gamboa. No dicionário Aurélio, trecho do rio onde as águas formam um remanso, semelhante a um lago sereno.

O nome não poderia ser mais adequado. A rua enlameada abriga lugares como o restaurante francês Chez Bernard, a Casa da Gamboa, os teatros Vila Velha e Gamboa. Mas o que dá o tom sossegado à Gamboa são mesmo o Passeio Público e suas árvores centenárias, os casarões antigos e seus moradores fiéis. Famílias que cresceram e deram origem a outras famílias sem nunca mudar de endereço. “Eu não troco isto aqui por lugar nenhum no mundo”, diz Elza Gomes, 74 anos, 54 de Gamboa.

Pudera. Da larga varanda de sua casa, dona Elza enxerga do início da Contorno à Ponta de Humaitá. Ali, ela e o marido Álvaro, 78, plantam hortaliças, criam passarinhos e micos, passam a maior parte do tempo de que dispõem. Na vizinhança, vivem e trabalham os oito filhos, seis noras e 12 netos.

Contudo, a miséria e o perigo estão chegando a passos largos à Gamboa. Meninos de rua e gente saída dos barra-

cos, que se amontoam na Avenida Contorno, sobem cada vez mais ao bairro. Arrombamentos de carros e pequenos furtos amedrontam os moradores. “Minha filha foi assaltada duas vezes”, conta dona Maria Moreira, 67 anos, do lado de dentro do portão seguramente trancado. Apenas a proximidade com o Quartel dos Aflitos espanta os marginais.

O Passeio Público também não tem a mesma cara de tempos passados. Falta policiamento e infra-estrutura para manutenção. A diretora do Palácio da Aclamação — incrustado na área —, Elyette Magalhães, diz que não dispõe de pessoal suficiente para cuidar das mangueiras e palmeiras imperiais plantadas no início do século passado. Além disso, ultimamente a Polícia Militar tem dado prioridade à segurança do Pelourinho.

“O mirante se transformou num depósito de lixo”, reclama a produtora Déa Márcia, moradora do Largo dos Aflitos. Déa lembra-se de que no passado o Belvedere atraía seresteiros e boêmios. Hoje é freqüentado quase sempre por casais de namorados. Os apaixonados são responsáveis por um atrativo adicional à paisagem bucólica da Gamboa. “Acontece de tudo, até sexo oral”, indigna-se Elyette, que já precisou de policial militar para expulsar um casal mais exaltado. E das janelas das casas da Gamboa os moradores assistem a tudo, silenciosamente.

VALTER PONTES



Mesmo com as modificações ocorridas na cidade, a Rua da Gamboa ainda é um recanto sereno de paz

DÉBORA PAES



Onde hoje fica o Segredos da Noite, funcionou um ponto de referência para a boemia dos anos 60 e 70

Teatro da Gamboa tenta a revitalização

Os dias de glória da vida cultural da Gamboa foram substituídos pela inércia. Fechado desde o início deste ano, o Teatro Vila Velha aguarda uma reforma ainda incerta para voltar a funcionar. “Nós já pedimos o apoio do Governo, mas ele não parece interessado em revitalizar um espaço tão importante”, lamenta o diretor da casa, Carlos Petrovitch.

O Vila Velha é considerado bem

direção do Palácio da Aclamação acalenta o sonho, já transformado em projeto, de anexar o Vila Velha ao resto do patrimônio, transformando o Passeio Público, a Casa de Cerimonial e o Museu num só espaço cultural.

“Isso é impossível porque o teatro é propriedade nossa”, defende o diretor. Petrovitch e a diretora do Palácio, Elyette Magalhães, alimentam

Enquanto isso, o Teatro da Gamboa mantém uma programação modesta mas regular. No momento está em cartaz o espetáculo infantil *Bulunga*, de Marcos Pitanga e Eliene Benício. Com lugar para 75 pessoas, o Gamboa pode ser chamado de teatro de bolso. Foi inaugurado em 1974, com um show do grupo de rock Mar Revolto e alguns anos depois servia de palco para a estréia de Zizi Possi. Depois de um período de decadência, o novo pro-

Vila Velha reunia juventude rebelde

Kiremurê em tupi-guarani significa Baía de Todos os Santos. Na agitação cultural do final dos anos 60/início dos 70 era o nome do *point* mais badalado da intelectualidade baiana. Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e outros menos famosos freqüentavam o barzinho da Gamboa, onde hoje fica o apagado Segredos da Noite. “O Kiremurê era um ponto de referência da boemia da cidade”, lembra a produtora Déa Márcia. Um grande painel na parede do bar servia de porta-recados para os fregueses mais assíduos. Até Vinícius de Moraes, na época em que morou em Itapuã, batia ponto no lugar.

O centro do burburinho na época era o Teatro Vila Velha. Inaugurado em 1959 no espaço do Passeio Público doado pelo Governo do Estado, foi construído por um grupo de alunos da Escola de Teatro da UFBa. Em protesto contra o conservadorismo da escola, eles resolveram criar o Movimento dos Novos, que acabou se transformando na Sociedade de Teatro dos Novos, responsável até hoje pelo Vila Velha. “A história do moderno teatro baiano foi escrita ali”, orgulha-se seu diretor, Carlos Petrovitch. Pelo palco em forma de galpão passaram também os Novos Baianos e vários espetáculos de sucesso.

Ao redor do Teatro Vila Velha fervia um verdadeiro centro cultural e de lazer. Havia os extintos restaurante espanhol Perez, a Boite Manhattan e a Galeria Oxumaré. A poucos metros de distância, o restaurante Chez Bernard servia (e até hoje serve) o melhor da cozinha francesa a uma clientela mais elitizada. Em meados da década de 70, surgiu a Casa da Gamboa, de dona Conceição. A casa em estilo colonial ganhou



Atrás do Campo Grande, com seu ritmo frenético, a fumaça do escapamento de veículos e um certo aspecto de sujeira, pulsa lentamente um bairro. Um corredor escondido entre a pompa do Palácio da Aclamação e o horizonte intraduzível da Baía de Todos os Santos. Chama-se Gamboa. No dicionário Aurélio, trecho do rio onde as águas formam um remanso, semelhante a um lago sereno.

O nome não poderia ser mais adequado. A rua enladeirada abriga lugares como o restaurante francês Chez Bernard, a Casa da Gamboa, os teatros Vila Velha e Gamboa. Mas o que dá o tom sossegado à Gamboa são mesmo o Passeio Público e suas árvores centenárias, os casarões antigos e seus moradores fiéis. Famílias que cresceram e deram origem a outras famílias sem nunca mudar de endereço. “Eu não troco isto aqui por lugar nenhum no mundo”, diz Elza Gomes, 74 anos, 54 de Gamboa.

Pudera. Da larga varanda de sua casa, dona Elza enxerga do início da Contorno à Ponta de Humaitá. Ali, ela e o marido Álvaro, 78, plantam hortaliças, criam passarinhos e micos, passam a maior parte do tempo de que dispõem. Na vizinhança, vivem e trabalham os oito filhos, seis noras e 12 netos.

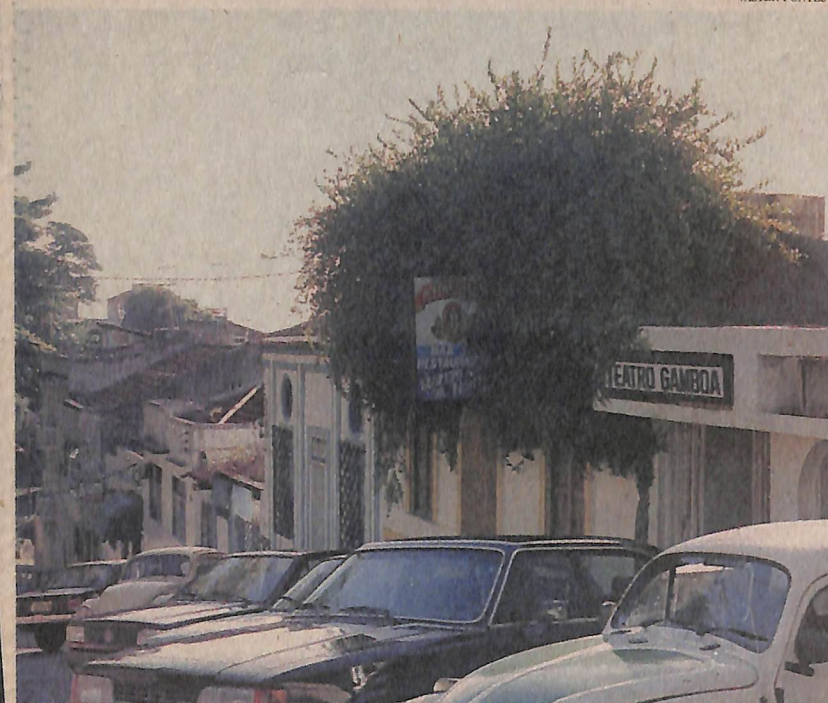
Contudo, a miséria e o perigo estão chegando a passos largos à Gamboa. Meninos de rua e gente saída dos barra-

cos, que se amontoam na Avenida Contorno, sobem cada vez mais ao bairro. Arrombamentos de carros e pequenos furtos amedrontam os moradores. “Minha filha foi assaltada duas vezes”, conta dona Maria Moreira, 67 anos, do lado de dentro do portão seguramente trancado. Apenas a proximidade com o Quartel dos Aflitos espanta os marginais.

O Passeio Público também não tem a mesma cara de tempos passados. Falta policiamento e infra-estrutura para manutenção. A diretora do Palácio da Aclamação — incrustado na área —, Elyette Magalhães, diz que não dispõe de pessoal suficiente para cuidar das mangueiras e palmeiras imperiais plantadas no início do século passado. Além disso, ultimamente a Polícia Militar tem dado prioridade à segurança do Pelourinho.

“O mirante se transformou num depósito de lixo”, reclama a produtora Déa Márcia, moradora do Largo dos Aflitos. Déa lembra-se de que no passado o Belvedere atraía seresteiros e boêmios. Hoje é freqüentado quase sempre por casais de namorados. Os apaixonados são responsáveis por um atrativo adicional à paisagem bucólica da Gamboa. “Acontece de tudo, até sexo oral”, indigna-se Elyette, que já precisou de policial militar para expulsar um casal mais exaltado. E das janelas das casas da Gamboa os moradores assistem a tudo, silenciosamente.

VALTER PONTES



Com 75 lugares, o teatro de bolso está incorporado ao lugar



Mesmo com as modificações ocorridas na cidade, a Rua da Gamboa ainda é um recanto sereno de paz

DÉBORA PAES



Onde hoje fica o Segredos da Noite, funcionou um ponto de referência para a boemia dos anos 60 e 70

Teatro da Gamboa tenta a revitalização

Os dias de glória da vida cultural da Gamboa foram substituídos pela inércia. Fechado desde o início deste ano, o Teatro Vila Velha aguarda uma reforma ainda incerta para voltar a funcionar. “Nós já pedimos o apoio do Governo, mas ele não parece interessado em revitalizar um espaço tão importante”, lamenta o diretor da casa, Carlos Petrovitch.

O Vila Velha é considerado bem de utilidade pública. Tem lugar para 400 pessoas e um palco de 10 metros de altura. Mas está precisando de trocar as cadeiras do foyer, de uma mesa de luz mais potente e de um ar condicionado, entre outras coisas. A

direção do Palácio da Aclamação acalenta o sonho, já transformado em projeto, de anexar o Vila Velha ao resto do patrimônio, transformando o Passeio Público, a Casa de Cerimonial e o Museu num só espaço cultural.

“Isso é impossível porque o teatro é propriedade nossa”, defende o diretor. Petrovitch e a diretora do Palácio, Elyette Magalhães, alimentam uma pequena *pendenga*. O horário de funcionamento do Vila Velha não combina com o do Passeio e as feiras, quermesses e shows promovidos no jardim atrapalham os espetáculos teatrais.

Enquanto isso, o Teatro da Gamboa mantém uma programação modesta mas regular. No momento está em cartaz o espetáculo infantil *Bulunga*, de Marcos Pitanga e Eliene Benício. Com lugar para 75 pessoas, o Gamboa pode ser chamado de teatro de bolso. Foi inaugurado em 1974, com um show do grupo de rock Mar Revolto e alguns anos depois servia de palco para a estréia de Zizi Possi. Depois de um período de decadência, o novo proprietário Maurício del Rey e o diretor Marcos Pitanga começaram um trabalho de revitalização. Para depois da Semana Santa, Pitanga promete um espetáculo adulto da Companhia Experimental de Teatro.

Vila Velha reunia juventude rebelde

Kiremurê em tupi-guarani significa Baía de Todos os Santos. Na agitação cultural do final dos anos 60/início dos 70 era o nome do *point* mais badalado da intelectualidade baiana. Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e outros menos famosos freqüentavam o barzinho da Gamboa, onde hoje fica o apagado Segredos da Noite. “O Kiremurê era um ponto de referência da boemia da cidade”, lembra a produtora Déa Márcia. Um grande painel na parede do bar servia de porta-recados para os fregueses mais assíduos. Até Vinícius de Moraes, na época em que morou em Itapuã, batia ponto no lugar.

O centro do burburinho na época era o Teatro Vila Velha. Inaugurado em 1959 no espaço do Passeio Público doado pelo Governo do Estado, foi construído por um grupo de alunos da Escola de Teatro da UFBa. Em protesto contra o conservadorismo da escola, eles resolveram criar o Movimento dos Novos, que acabou se transformando na Sociedade de Teatro dos Novos, responsável até hoje pelo Vila Velha. “A história do moderno teatro baiano foi escrita ali”, orgulha-se seu diretor, Carlos Petrovitch. Pelo palco em forma de galpão passaram também os Novos Baianos e vários espetáculos de sucesso.

Ao redor do Teatro Vila Velha fervia um verdadeiro centro cultural e de lazer. Havia os extintos restaurante espanhol Perez, a Boite Manhattan e a Galeria Oxumaré. A poucos metros de distância, o restaurante Chez Bernard servia (e até hoje serve) o melhor da cozinha francesa a uma clientela mais elitizada. Em meados da década de 70, surgiu a Casa da Gamboa, de dona Conceição. A casa em estilo colonial ganhou prêmios e fama internacional com suas moquecas experimentadas por personalidades *vips*, colonáveis e até membros da família real inglesa, de passagem por Salvador.